**‘Low cost’ ou ‘high cost’?**

Não, não vou escrever sobre quem disse o quê ou quem fez o quê em relação à chegada das ‘low costs’ a S. Miguel e a abertura ao turismo que desencadeou, se apenas nesta ilha ou nas outras também…, e muito menos escreverei sobre os estados de alma dos nossos políticos em relação a este assunto, os quais têm pretensamente aquecido um verão que permanece morno.

Vou centrar-me sobre o turismo, o deles para as nossas ilhas, e o nosso para o continente, destacando alguns aspectos que me têm interpelado.

E o primeiro, e mais geral, é o da nossa reacção ao aumento do turismo. Uma reação que não se encontra apenas entre açorianos mas entre os continentais também, particularmente em cidades onde o turismo mais tem crescido, como em Lisboa. Diz-se então que os turistas se vão apropriando dos nossos lugarinhos, dos cantinhos a que estávamos habituados, perturbando o nosso sossego e descaracterizando o nosso espaço. Como alguém dizia: “já nem conheço ninguém à minha volta quando me sento na minha mesa habitual do café…!” Uma outra reacção paralela é a de que as turbas de turistas vão criar pressão excessiva no equilíbrio da natureza abalando-o, além de deteriorarem zonas que se têm mantido quase selvagens.

Podemos assim alimentar esta mentalidade fechada e egocêntrica de que simultaneamente nos queixámos durante décadas. Porém, não podemos ignorar (qual avestruz que enterra a sua cabeça na areia) que o desenvolvimento económico e social dos Açores pode e já começou a beneficiar dos que nos visitam, enchendo hotéis, restaurantes e cafés, animando as nossas lojas, visitando os nossos museus, comprando expressões diversas da nossa cultura, estimulando ao melhor cuidado de locais turísticos mas também de espaços, trilhos e recantos antes abandonados, atribuindo-nos escala que nos faltava para que muitos negócios se possam desenvolver, criar emprego e gerar riqueza.

E falando de riqueza…, o turismo trá-la indubitavelmente; mas esta só será sustentável, duradoira, se mais uma vez resistirmos a visões curtas e imediatistas. Importa não “pôr o carro à frente dos bois” (na expressão popular tão rica de verdade) começando a aumentar preços, como se tem visto por aí, em vez de investir em aumentos, sim, mas da qualidade dos serviços e da diversidade das ofertas. Só depois se justificará uma revisão de preços adequada ao que se proporciona e garantindo a nossa competitividade em relação a outras paragens, num mercado extremamente disputado. O turista não é um distraído que por aqui passa e se assalta na única oportunidade que se tem; pode tornar-se num amigo no apreço e valorização do que é nosso, constituindo sempre uma publicidade gratuita e a mais fidedigna dos espaços, das gentes, das culturas que o acolhem e que revisita.

Mas para que o turista volte é preciso manter o que o fez vir, isto é, a promessa de voos económicos para os Açores… E esta será condição para que também nós possamos viajar com maior liberdade.

Não sei quanto é que aqueles que hoje nos visitam pagam por uma passagem aérea, mas sei que este verão está difícil para um açoriano encontrar passagem de ida e volta ao continente abaixo dos 500 €. Ouço então dizer que não faz mal porque, afinal, nos pagam o remanescente dos invariáveis 134 €; aliás, ouço dizer também que o melhor mesmo é comprar uma passagem com a máxima flexibilidade para possíveis alterações porque, afinal, para cada um de nós, o preço é sempre o mesmo... Mais uma vez me parece imperar esta crónica visão do aqui e agora que não antecipa o futuro nem o prepara. Até quando continuarão a ser pagas incondicionalmente estas passagens inflacionadas? É mais caro viajar dos Açores para o continente do que daí para qualquer ponto da Europa… Até quando continuaremos a atirar a conta para o lado iludindo-nos que não pagamos mais dos que os 134 € quando a factura remanescente é de todos os contribuintes, açorianos e continentais, viajantes ou não? E o turista que obviamente não beneficia desta tarifa para residentes vai continuar a vir com o actual preço das passagens? Afinal, estamos em regime ‘low cost’ ou ‘hight cost’…?

M. Patrão Neves

[www.mpatraoneves.pt](http://www.mpatraoneves.pt)